



**CAMINHO BRASILEIRO SANTIAGO DE COMPOSTELA: ENTRELAÇANDO
ELEMENTOS ANTIGOS E TEMPORALIDADES EM UM NOVO ESPAÇO**

**CAMINO BRASILEÑO SANTIAGO DE COMPOSTELA: ENTRELAZANDO
ELEMENTOS ANTIGUOS Y TEMPORALIDADES EN UN NUEVO ESPACIO**

**BRAZILIAN WAY OF SANTIAGO DE COMPOSTELA: INTERTWINING
ANCIENT ELEMENTS AND TEMPORALITIES IN A NEW SPACE**

Éderson José de Vasconcelos
Raisa Sagredo

Resumo

Em 2022, a prefeitura da cidade de Florianópolis, no Brasil, sancionou legislação reconhecendo oficialmente o Caminho Brasileiro Santiago de Compostela idealizado anteriormente, em 2017. Unido ao clássico circuito internacional de peregrinação da Península Ibérica do Caminho de Santiago de Compostela, tal trecho traz para o Brasil elementos de um passado medieval hispânico, através da religiosidade cristã, que levanta discussões em torno da categoria de usos do passado, conectando o Brasil a uma rota de turismo europeu. Ao nos aproximarmos deste novo espaço criado com fins turísticos/religiosos, surge a pergunta: de que forma se entrelaçam os aspectos históricos e antigos compostelanos aos elementos locais de Florianópolis que estão presentes nesse Caminho Brasileiro? Partindo do objetivo de compreender de forma panorâmica essa dinâmica de tensões e negociações temporais que se configuram neste novo espaço, lançamos mão, metodologicamente, de uma pesquisa de campo, percorrendo o caminho e identificando elementos culturais locais do chamado folclore ilhéu presentes, junto a uma pesquisa historiográfica, problematizando a figura de Santiago, seus usos e ressignificações em diferentes contextos históricos. Dentre os elementos folclóricos da Ilha, destacam-se as bruxas, referenciadas pela cultura local em toponímias do entorno do Caminho Brasileiro, compondo um novo espaço perpassado por diferentes temporalidades e elementos paradoxais: bruxas, um santo e negociações de memórias. Partindo de uma ideia de fluidez de temporalidades – ou seja, o tempo como é percebido, agenciado e experienciado –, a pesquisa se embasa no aporte teórico da categoria de “turismo religioso” como proposta por Sandra de Sá Carneiro (2004).

Palavras-chave: Caminho Brasileiro Santiago de Compostela, Franklin Cascaes, turismo religioso, Florianópolis.



Resumen

En 2022, el ayuntamiento de Florianópolis, Brasil, sancionó la legislación que reconoce oficialmente el Camino Brasileño de Santiago de Compostela, concebido a principios de 2017. Vinculado al circuito clásico internacional de peregrinación de la Península Ibérica, este camino trae a Brasil, a través de la religiosidad cristiana, elementos de un pasado medieval hispánico, suscitando debates sobre el uso del pasado y conectando a Brasil con una ruta turística europea. Al acercarnos a este nuevo espacio creado con fines turísticos y religiosos, surge la pregunta: ¿cómo se entrelazan los aspectos históricos y antiguos de Compostela con los elementos locales de Florianópolis presentes en este Camino Brasileño? Partiendo del objetivo de comprender, de forma panorámica, la dinámica de tensiones y negociaciones temporales que se configuran en este nuevo espacio, empleamos metodológicamente la investigación de campo, recorriendo el camino e identificando elementos culturales locales del llamado folclore isleño, junto con la investigación historiográfica, problematizando la figura de Santiago, sus usos y resignificaciones en diferentes contextos históricos. Entre los elementos folclóricos de la Isla, destacan las brujas, referenciadas por la cultura local en topónimos a lo largo del Camino Brasileño, componiendo un nuevo espacio permeado por diferentes temporalidades y elementos paradójicos: brujas, un santo y negociaciones de la memoria. Partiendo de la idea de la fluidez de las temporalidades —es decir, del tiempo tal como se percibe, se gestiona y se experimenta—, la investigación se basa en la contribución teórica de la categoría de “turismo religioso” propuesta por Sandra de Sá Carneiro (2004).

Palabras clave: Camino Brasileño Santiago de Compostela, Franklin Cascaes, turismo religioso, Florianópolis.

Abstract

In 2022, the city hall of Florianópolis, Brazil, sanctioned legislation officially recognizing the Brazilian Way of Santiago de Compostela, conceived earlier in 2017. Linked to the classic international pilgrimage circuit of the Iberian Peninsula, this route brings elements of a Hispanic medieval past to Brazil through Christian religiosity, raising discussions about the use of the past and connecting Brazil to a European tourism route. As we approach this new space created for tourism/religious purposes, the question arises: how do the historical and ancient aspects of Compostela intertwine with the local elements of Florianópolis present in this Brazilian Way? Starting from the objective of understanding, in a panoramic way, this dynamic of tensions and temporal negotiations that are configured in this new space, we methodologically employed field research, traversing the path and identifying local cultural elements of the so-called island folklore, along with historiographical research, problematizing the figure of Santiago, its uses and resignifications in different historical contexts. Among the folkloric elements of the Island, witches stand out, referenced by the local culture in toponyms around the Brazilian Way, composing a new space permeated by different temporalities and paradoxical elements: witches, a saint, and negotiations of memories. Starting from an idea of fluidity of temporalities — that is, time as it is perceived,



managed, and experienced – the research is based on the theoretical contribution of the category of "religious tourism" as proposed by Sandra de Sá Carneiro (2004).

Keywords: Santiago de Compostela Brazilian Way, Franklin Cascaes, religious tourism, Florianópolis.



Introdução

A sacralização de novos espaços e a ampliação das experiências turísticas e de lazer têm remodelado o cenário das peregrinações no Brasil, perpassado cada vez mais por conexões, globalidades e temporalidades. A construção de uma rota cristã de turismo religioso localizada na Ilha da Magia, apelido de renome nacional e internacional para Florianópolis, a capital catarinense, suscita muitas questões relativas à dinâmica de elementos culturais e religiosos que passam a se entrelaçar neste novo espaço geográfico: o Caminho Brasileiro Santiago de Compostela.

Neste artigo, a proposta consiste em compreender, de uma forma inicial, essa dinâmica de tensões e negociações temporais que se configura no Caminho Brasileiro Santiago de Compostela pensando-o enquanto um novo espaço criativo que conecta o sul do Brasil com a rota de turismo internacional e global. Para tal, lançamos mão de uma pesquisa de campo junto a uma pesquisa historiográfica, propondo reflexões teóricas dialogando História e Antropologia. Na pesquisa empírica, feita no ano de 2023, percorremos os 21 quilômetros que compõem o trajeto, identificando, em um primeiro levantamento, os principais elementos folclóricos locais que apareceram na rota. O que mais destacou-se foi a presença de elementos que faziam referência às bruxas, protagonistas do folclore local, universo fantástico que rendeu à cidade o famoso epíteto de “Ilha da Magia” (Michelmann, 2015). A seguir, problematizamos a figura de Santiago, seus usos e ressignificações históricas, pois seus usos remetem a diferentes contextos históricos – paradoxalmente, como “Santiago Matamoros” durante a chamada Reconquista ibérica medieval, “Santiago Mataíndios” durante a colonização da América, e que passa a ser resgatada no Caminho Brasileiro em sua faceta de peregrino e de pescador do Velho Testamento, conectando-se com o ofício tradicional e identitário de Florianópolis: a pesca artesanal, conectada com a própria história da colonização açoriana e madeirense da cidade marcada pela presença de rendeiras e pescadores como ícones da cultura e da identidade local. Acessamos esse substrato folclórico e cultural através de uma fonte escrita pelo folclorista e artista local Franklin Cascaes, a coletânea *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina* (1946- 1975), trabalho icônico reconhecido atualmente como essencial para a preservação do patrimônio imaterial ilhéu. A fim de melhor compreendermos o Caminho Brasileiro como um novo espaço, pensando tanto em nossa abordagem teórica como metodológica, ou seja, de percorrer o trajeto, tivemos em mente a natureza desse projeto dentro da conjuntura contemporânea – o âmbito turístico para pensar o aspecto histórico-social do Caminho Brasileiro –, encontramos um aporte da Antropologia para dar conta da complexidade referente às múltiplas funções e dimensões da criação da rota.

Ao analisar rotas de peregrinação brasileiras que foram inspiradas em Compostela¹, a antropóloga Sandra de Sá Carneiro diferencia o fenômeno das peregrinações do turismo religioso na contemporaneidade:

¹ Segundo Carneiro (2004), é possível identificar no Brasil diferentes rotas de turismo religioso cuja inspiração, de diferentes formas, provém de Compostela, a saber: o Caminho da Luz, o Caminho das Missões Jesuítas nos Sete Povos das Missões Orientais, o Caminho do Sol, o Caminho Passos de Anchieta e o Caminho da Fé.



Estamos diante de experiências rituais que no sentido “mais tradicional” poderiam ser denominadas de peregrinações, mas que no contexto atual de uma sociedade moderna (brasileira), se constituem em polos de atração de pessoas, justamente por assumirem também, em sua expressão, um aspecto turístico e de lazer. Na construção dessas espacialidades, a relação entre religião e turismo pode ser considerada como um dos elementos centrais. Neste sentido, ao invés de entender o universo ou mundo do turismo como separado (exterior) ao universo ou mundo da peregrinação [...], procuro compreender o diálogo e as possíveis tensões entre estes dois campos, como a emergência de uma expressão moderna de “peregrinação”, que estou chamando de turismo religioso. Estamos assim, diante de uma área polissêmica, espaços transformados em atrativos turísticos e/ou sacralizados” (2004: 93).

Lançamos, então, mão da categoria de turismo religioso como um novo campo que consiste em uma conjugação de elementos religiosos com uma estrutura turística de significados, onde não há uma sobreposição entre um e outro – religiosidade e turismo – e sim uma relação de diálogo entre as partes como proposto por Carneiro (2004). Soma-se a esse novo espaço que nos propomos a analisar o campo cultural de Florianópolis, que possui de forma marcante uma cultura de prática de trilhas. Partimos de uma percepção da multiplicidade do fenômeno de peregrinação, onde essa prática – o turismo religioso – pode ser entendida como “[...] um espaço ritual capaz de acomodar significados e práticas [...]. O que confere à peregrinação ou ao templo um caráter essencialmente universalista, seria sua capacidade de absorver e refletir uma multiplicidade de discursos [...]”, e para além disso, “o Universalismo é fundamentalmente constituído pela capacidade de um culto entreter e responder a uma pluralidade, em vez de ser constituído por uma unificação de discurso” (Eade & Sallnow, 1991: 15).

Com origens medievais que remontam ao século IX, e inspirada na narrativa lendária do traslado do corpo do mártir Tiago Maior da Galileia para o território da *Hispania* ainda na Antiguidade, o Caminho de Santiago de Compostela europeu constitui-se de uma gigantesca rede viária, formada por diversos itinerários, cujas rotas principais são: o Caminho Francês (800 quilômetros), o Caminho Inglês (112,4 quilômetros) e o Caminho Português (625 quilômetros). O caminho compostelano teve seu auge entre os séculos XI e XIII, quando consolidou-se como centro de peregrinação internacional. Já na contemporaneidade, a rota foi enfraquecida durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais e pela Guerra Civil Espanhola; para em seguida, a partir da década de 80, ganhar mais popularidade e impulso. O Caminho compostelano foi declarado Patrimônio da Humanidade pela UNESCO em 1985 e considerado o Primeiro Itinerário Cultural pelo Conselho da Europa em 1987.



Em solo ilhéu, o Caminho Brasileiro Santiago de Compostela foi criado no ano de 2017 em Florianópolis, capital catarinense, por dois peregrinos, e desenvolvido em parceria com a ACACSC – Associação Catarinense dos Amigos de Santiago de Compostela. O Caminho é reconhecido pela Catedral de Santiago de Compostela e foi oficialmente integrado ao Caminho de Santiago de Compostela europeu. Este Caminho Brasileiro possui a proposta de ser um complemento do trajeto histórico de *A Coruña*, na Espanha, como parte do Caminho Inglês. Desta forma, seus 21 quilômetros suplementam os 80 quilômetros da rota mencionada, totalizando então os 100 quilômetros necessários para a obtenção do certificado de peregrinação, *la Compostela*, tão almejado pelos peregrinos.²

Como aporte teórico da pesquisa, utiliza-se a categoria de usos do passado; bem como a concepção de multiplicidade do fenômeno de peregrinação (Eade & Sallnow, 1991) e o conceito de turismo religioso trabalhado pela antropóloga Sandra de Sá Carneiro (2003). A metodologia proposta consiste em analisar a historiografia acerca de São Tiago (Rui, 2003; Viçose, 2016), em diálogo com estudos empíricos e pesquisa de campo percorrendo o Caminho Brasileiro em Florianópolis. A pesquisa de campo permitiu que fossem identificadas múltiplas temporalidades, elementos populares e folclóricos³ locais que perpassam esse caminho, percorrido por quilômetros em asfalto; pelas belíssimas praias de Canasvieiras, Cachoeira do Bom Jesus, Ponta das Canas, Praia da Lagoinha, Praia Brava e Praia dos Ingleses; passando por 4 igrejas – Paróquia Nossa Sra. de Guadalupe, Igreja de São Pedro, Igreja Nossa Sra. dos Navegantes, e Santuário do Sagrado Coração de Jesus –; e trilhando trajetos mais desafiadores para os caminhantes – a Trilha do Morro das Feiticeiras e na Trilha do Morro do Rapa, trilhas famosas que foram incorporadas a esse trajeto –. Tais trilhas, conforme será explicado mais adiante, guardam nas toponímias esse fantástico folclórico, apresentando-se também em diversos dos contos escritos por Franklin Cascaes (1908-1983), célebre folclorista e artista local como a Pedra da Feiticeira, Morro do Rapa e outros que fazem parte dos entornos do Caminho.

O Caminho de Santiago europeu também possui como analogia a Via-Láctea (Guimarães, 2020), e vai aparecer com essa característica simbólica, na escrita de Cascaes, percorrendo um caminho inverso ao da nossa pesquisa empírica que partiu do Caminho para os registros do folclore; como será explicado, nesse caso a própria literatura partiu de Santiago para o mundo fantástico. Segundo Carneiro, uma das principais forças de atração do Caminho de Santiago, reside em “sua permanente ‘recriação’ e ‘reinvenção’”, capaz de incorporar a diversidade do

² A ACACSC disponibiliza credenciais aos peregrinos, reconhecidas pela Sé de Compostela na Espanha, carimbadas assinalando as igrejas pelas quais os peregrinos passam, certificando assim a passagem pelo trajeto. Detalhes sobre as credenciais em: <https://amigosdocaminho.com.br/credencial/>. Acesso em: 21 Set. 2023.

³ Optamos por utilizar o termo folclore, pontuando que existe um recente debate pela perspectiva decolonial em torno do termo que critica o conceito em função dos usos colonialista e eurocêntrico que tiveram. Nossa justificativa é a de que, como Franklin Cascaes – o grande responsável pelo resguardo e divulgação do patrimônio imaterial de Florianópolis – era um folclorista muito alinhado de alguma forma com ideias do Romantismo europeu e seus folcloristas, e por ter ele vivido na virada do século, o termo folclore se adequa ao seu trabalho e à nossa abordagem para tratar do tema de crenças populares que misturam a religiosidade do catolicismo popular (as benzedadeiras da Ilha), crenças em bruxas causadoras de malefício naquela época pesquisada por ele, crença em lobisomens, dentre outros.



campo católico e mesmo de ressignificá-lo como também de responder a outras demandas "religiosas" ou não", conferindo "uma abrangência transnacional e multicultural" (2003).

Tal recriação de caráter transnacional e multicultural apresenta-se no Caminho em solo brasileiro, como será intentado demonstrar. Pontuadas tais questões e tendo foco nos diálogos culturais da categoria turismo religioso, o artigo propõe, em um primeiro momento, historicizar o Caminho de Santiago de Compostela na Península Ibérica e os usos em torno da figura de São Tiago. Logo, atentamo-nos para a religiosidade popular e o imaginário ilhéus, registrados pelo folclorista Franklin Cascaes na coletânea *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Dentre estes elementos presentes no caminho, destacamos a pesca artesanal e diversas toponímias referentes ao universo bruxólico de Florianópolis. Desta forma, busca-se compreender a dinâmica inicial dessa relação entre os elementos ilhéus e ibéricos no novo espaço do Caminho Brasileiro Santiago de Compostela.

Usos e abusos do passado: Santiago

O uso do passado não é um fenômeno exclusivo da contemporaneidade. Este recurso desenvolveu-se em diferentes balizas temporais e em distintas localidades do mundo. Na atualidade, essa nomenclatura quando referente ao período medieval, passou a ser denominada como Medievalismo. Tais concepções referem-se ao uso e abuso do período medieval, como instrumento de exemplo, legitimação ou mesmo de entretenimento. Logo, estes conceitos podem ser compreendidos pelo aporte dos usos do passado. É neste contexto, que buscamos compreender, em nossa proposta, o uso e o abuso da imagem do Apóstolo Tiago, frente a distintos períodos históricos.

De origens medievais, o Caminho de Santiago de Compostela na Península Ibérica constitui-se de uma gigantesca rede viária, formada por diversos itinerários, cujas rotas principais são: a partir da década de 80, ganha mais impulso e popularidade – a rota havia sido enfraquecida durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais e pela Guerra Civil Espanhola. A rota de peregrinação possui raízes no século IX, quando começaram a circular narrativas de evangelização em torno do apóstolo Tiago Maior, em *Hispania*, a partir da suposta descoberta de seus restos mortais pelo ermitão Pelágio ou Pelaio.⁴ Tiago Maior, segundo a narrativa bíblica, havia sido um pescador da região da Galileia que tornara-se apóstolo de Cristo, e tendo sido, segundo a mesma fonte, o primeiro a sofrer o martírio em função de sua fé. Empenhado em peregrinar espalhando a doutrina cristã, surgiram narrativas no século IX, de que após ter sido morto, os judeus teriam impedido o sepultamento do apóstolo, e seu corpo teria sido trasladado de barco até a Hispania, para repousar escondido. Após um hiato de séculos de silêncio, no século X, na *Crônica de Sampiro*, encontra-se um dos primeiros

⁴ Segundo a tradição jacobea, o ermitão teria avistado luzes no bosque de Libredón durante várias noites, que lhe indicaram o caminho até a tumba do apóstolo. Após chamar o bispo Teodomiro, de Iria Flávia, e ter-lhe narrado o ocorrido, o bispo encontra o sepulcro de Tiago Maior e seus dois discípulos, enviando emissários a Oviedo. Prontamente, Alfonso II, rei de Astúrias, reconheceu o milagroso achado, que começa a ser explorado politicamente.



relatos do achamento do corpo do apóstolo (Rui: 2012), fortalecendo o reino de Astúrias e estabelecendo um vínculo sagrado entre as relíquias e as terras ibéricas.

O encontro milagroso da suposta tumba encontra-se presente também em fontes como *Concórdia de Antealtares* (1077), *Cronicão Iriense* e no *Privilégio de Gelmírez a São Martinho Pinário* (1115) (López Alzina, 1988: 1109-110 apud Singul, 1999: 41). Posteriormente, entre os séculos X e XI, a Europa Ocidental vivia um contexto de divergências dentro do Cristianismo, que apresentava suas especificidades em várias localidades da Europa. Na Península Ibérica, o Cristianismo desenvolvido relacionou-se com as especificidades de um contexto transcultural, fruto da convivência entre as três religiões monoteístas (Silveira: 2022), logo, o Caminho de Santiago de Compostela foi um importante instrumento nesse processo de disputas, principalmente a partir das Reformas Gregorianas.

A documentação em torno da formação do Caminho de Santiago remete também ao expoente do Cristianismo de Roma, Carlos Magno, evidenciando as conexões entre a França e a Hispânia medieval, e como essas relações influenciaram o desenvolvimento do mito de Santiago. Pode-se pensar, ainda, em outros eventos fundamentais que estão ocorrendo simultaneamente naquele contexto, e que relacionam-se diretamente como o mito de Santiago, como o processo expansionista cristão que ganhou fôlego após o século X. De forma mais detalhada, estes processos históricos são influenciados por agentes externos e internos: como perspectiva externa, destacam-se as reformas Gregorianas e as Cruzadas; no âmbito interno, destaca-se a legitimação do papa Urbano II para o processo expansionista cristão e o fim do Califado de Córdoba em 1031. É dentro deste cenário que o mito de Santiago passa a se apresentar como o santo Guerreiro denominado de “Mata Mouros” ou “Matamoros”.⁵

Na Península Ibérica, a imagem de Santiago matamoros era difundida como forma de exaltar a força dos espanhóis frente à ameaça muçulmana [...] na América, a representação de Santiago mataíndios colaborava no fortalecimento dos próprios conquistadores e no temor dos nativos e mestiços que passavam a ver nessas imagens a presença da ameaça constante, que acompanhava a chegada dos invasores (Rui, 2003: 187).

A representação de Santiago não se limitou aos tempos medievais. Tal imagem também estará presente no processo brutal de colonização da América, concepção que se refere à mentalidade medieval, e que adquiriu diferentes contorno com a chegada na América. Por exemplo, Le Goff (2012) apresentou uma concepção de longa Idade Média, apresentando através da História da mentalidade, que o imaginário medieval não havia se modificado com o tempo moderno; assim, podemos perceber tais nuances nos usos do apóstolo Tiago na conquista da América, uma vez que o apóstolo subjugava os indígenas que não aceitavam a conversão ao Cristianismo. Desta forma, o apóstolo de Cristo ganhou uma nova roupagem

⁵ Uma das imagens que ilustram essa representação é a iluminura que destacamos a seguir. Disponível em: https://www.uc.pt/bguc/novidades_exposicoes/Santiago Acesso em: 21 Set. 2023.



denominada de Santiago Mataindios, representando, de alguma forma, uma continuidade com a ideia de Santiago Matamoros.

Trilhando o Caminho Brasileiro: elementos e temporalidades

Na etapa de pesquisa de campo percorrendo os 21 quilômetros do Caminho Brasileiro Santiago de Compostela, foram identificados pontos da cultura e do folclore local. Dentro do Caminho, como parte constitutiva do mesmo, encontraram-se elementos do folclore nativo ligado ao fantástico – alusões às bruxas, a um universo encantado, tanto em toponímias do relevo como no local mencionado em um dos contos de Cascaes como tendo sido a moradia de uma das bruxas. Morros, cavernas e pedras dentro e em torno do Caminho fazem com que elementos diversos, marcados por diferentes temporalidades, coexistam e se relacionem. Curiosamente e inversamente, o Caminho de Santiago ibérico também apareceu nos escritos de Cascaes.

É interessante perceber que a consciência das múltiplas identidades de São Tiago se fez presente na fala dos peregrinos idealizadores do Caminho Brasileiro, Fabio Tucci e Mariana Mansur, que conectaram a cultura da pesca temporalmente de uma forma muito criativa. A pesca é um elemento de muito destaque na ilha em função da prática cotidiana por parte dos nativos, considerada uma das heranças culturais da colonização açoriana da cidade, considerada um ofício tradicional de Florianópolis. A primeira das identidades de São Tiago, enquanto pescador na região da Galileia, é então relacionada pelos idealizadores do Caminho Brasileiro com o ofício dos pescadores ilhéus, presente nas praias do Caminho Brasileiro através da pesca em si, na presença dos botes na água e na areia, nas grandes redes de pesca expostas e nos ranchos (locais onde são guardadas as embarcações) ao longo das praias. Segundo eles, “Os barcos de pesca que permeiam a nova rota recordam o ofício mundano do apóstolo e de seus companheiros [...]. Enquanto as belezas naturais enchem os olhos [...] o horizonte lembra que a viagem prossegue do outro lado do mundo ” (Mansur & Tucci apud Becker, 2019: 13). Dentro das narrativas dos antigos nativos de Florianópolis os pescadores são, a propósito, antagonistas das bruxas, como explica a antropóloga Sônia Maluf em sua icônica Dissertação *Encontros perigosos: análise antropológica de narrativas sobre bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição*. Tanto na oralidade como na obra de Cascaes, as bruxas aparecem como perturbadoras dos pescadores, dando nós em suas redes e depredando embarcações. Segundo ela, “de um lado, a bruxa representa uma ameaça à identidade e ao poder feminino, relacionado aos espaços domésticos [...]. De outro lado, a bruxa aparece como uma ameaça à identidade masculina e desperta nos homens um sentimento de medo (Maluf, 1989: 195).

É muito interessante perceber um entrelaçamento de elementos de diferentes temporalidades na formação desse novo Caminho Brasileiro:

São Tiago, o protagonista do Caminho, carrega em si a temporalidade de narrativas da Antiguidade, em que destaca-se seu papel como apóstolo e evangelizador; depois, é convertido em



guerreiro, combatendo “infieis” na Reconquista e posteriormente, na colonização da América. Como sintetizado por Adailson J. Rui, encontrou-se na figura do apóstolo uma “sustentação para integrar e mobilizar os castelhanos e outros cristãos” (2012) (Harz & Sagredo, 2023).

Essas múltiplas facetas, os usos e abusos da figura de Santiago, nos ajudam a compreender um pouco sobre as ressignificações e seus usos como políticos, perpassados por diferentes interesses e projetos. A partir do uso de Santiago mobilizado no Caminho Brasileiro, é possível perceber que Antiguidade, Medievo e Contemporaneidade também estão de alguma forma entrelaçadas gerando algo novo: o primeiro Caminho reconhecido por Compostela fora da Europa, lidando com elementos locais. Além disso, podemos pensar também que, assim como destacado no trecho acima, a imagem de Santiago foi utilizada com fins sociais (nefastos e intolerantes), integrando e mobilizando sujeitos; o que a imagem de Santiago evocará hoje? Como se dará, no campo cultural e simbólico, a convivência e as negociações de memória entre os elementos ibéricos evocados na figura do santo e os elementos folclóricos da cultura local de Florianópolis?

As toponímias dentro e ao redor do Caminho igualmente revelam essa presença marcante de um universo fantástico como parte integrada da cidade, presente em sua geografia. Rodeada por muita mata, há a Trilha do Morro das Feiticeiras, que consiste em uma leve caminhada de 45 minutos. Escondida nessa trilha, encontra-se a pouco conhecida Caverna das Feiticeiras, chamada também de Toca da Feiticeira e Gruta da Feiticeira. A caverna possui um grande salão denominado Caverna do Rei II, sendo também conhecida por esse nome (Tomazolli et al., 2012: 79-80).

Outro trecho que o Caminho engloba é a chamada Trilha do Morro do Rapa – que liga a Praia da Lagoinha à Praia Brava, consistindo em 2.800 metros em mata fechada e sendo considerada o trecho mais difícil do Caminho. A trilha do Morro do Rapa foi cenário literário de um encontro noturno, o sabá das bruxas, aparecendo no conto *Madame bruxólica e o sacipererê* (1975) na obra *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina* de Cascaes. Neste conto, o Morro do Rapa era a morada de uma bruxa, chamada Irineia. No conto, o local foi cenário do voo da bruxa Irinéia que sobrevoou o céu montada em um gato preto (metamorfoseado em Sacipererê), no qual o autor traz suas críticas ao progresso – prédios, aviões, tecnologia. A bruxa Irineia morava no Morro do Rapa e escandalizava as mulheres antigas em função das roupas que usava (Cascaes, 2015: 118). Além da referência a bruxas como mulheres subversivas, mais uma vez, Cascaes utilizou do folclore local para levantar críticas aos prédios que estavam sendo construídos, aos aviões que pairavam sobre a terra e à tecnologia que chegava à Ilha de Santa Catarina (Flores, 2021). O trecho em que a personagem é introduzida no conto traz também, de forma sutil, elementos típicos da concepção da bruxaria diabólica da Primeira Modernidade, como é possível ver no trecho a seguir:

A Irineia, cada vez que vinha na cidade, aparecia no sítio onde morava desfilando as modas jovens que copiava [...]. As tais modas que ela exibía lá nos caminhos do Morro do Rapa, onde morava, escandalizavam as mulheres antigas [...], quando ela passava,



retorcendo-se sinuosamente que nem a serpente que iludiu a nossa coitada mãe Eva, lá em riba dos geométricos canteiros floridos dos famosos e discutidos jardins do Éden (Cascaes, 2015: 218, grifo nosso).

Como é possível perceber, a bruxa Irineia é relacionada às mulheres tidas como subversivas pelas suas roupas e seu modo de caminhar, remetendo ao processo de longa duração de demonização do feminino – através de seu corpo – e relacionada também com a serpente tentadora da narrativa judaico-cristã. O trecho é testemunho dos relatos em torno de bruxaria na Ilha, que versam sobre metamorfoses, voos noturnos, malvadezas, embruxamentos⁶ e sedução, elementos formadores do estereótipo do sabá (Ginzburg, 2012). Como destacado por Maluf, tal presença no folclore ilhéu possui raízes na Bruxaria Europeia Medieval e Moderna que se relaciona com Açores e com a colonização do litoral catarinense, mas que, no entanto, é muito mais complexa se estudada a partir de uma análise morfológica comparando as narrativas ilhoas e as europeias. Segundo ela, ao analisar diversos relatos, “as proximidades e as diferenças mostram que, apesar de possuir uma raiz no imaginário europeu, essas histórias foram reelaboradas à luz das mudanças que viveram as comunidades açorianas da Ilha desde sua formação em meados do século XVIII” (1989, p. 16-17).

Nossa pesquisa de campo nos levou até a região da praia Brava, onde há uma caverna chamada Caverna da Encantada, mais conhecida como Toca da Onça (Tomazolli et al., 2012), de difícil acesso. Perto dali, há um costão rochoso chamado de Ponta das Feiticeiras, localizado entre a Praia dos Ingleses e a Praia Brava, contendo um elevado número de blocos em terreno predominantemente acidentado, onde se pratica o esporte de escalada *boulder*⁷. Neste costão, há também uma pedra chamada de Pedra da Feiticeira. Tais toponímias circulam na oralidade da população nativa da região e chamam a atenção para esse aspecto do fantástico. Tanto a Pedra da Feiticeira como a Ponta da Feiticeira também aparecem nos registros de Cascaes: no conto *Congresso bruxólico* (1964) e *Bruxas metamorfoseadas em bois* (1964); o primeiro, vale mencionar, conta a história de dois pescadores de um encontro noturno, descrevendo um sabá das bruxas com a presença do próprio Lúcifer, aos moldes do clássico sabá europeu da Primeira Modernidade. No segundo, o personagem Zé João desmascarou bruxas que estavam em seu encontro noturno, metamorfoseadas em luzes e labaredas, em cima da Pedra das Feiticeiras. Percebe-se que as toponímias são reveladoras de presenças bruxólicas⁸ que resistiram na cultura imaterial.

Inversamente, descobrimos que o Caminho de Santiago de Compostela como metáfora astronômica para a Via-Láctea, se fez presente na obra de Cascaes *O Fantástico na Ilha de*

⁶ Embruxamento é como os nativos chamam o ataque das bruxas, em forma de doença (Maluf, 1989: 69).

⁷ *Boulder* consiste em uma modalidade de escalada praticada em pequenas formações rochosas, que se caracteriza pela não utilização de equipamentos tradicionais de proteção.

⁸ Cascaes utiliza esse termo “bruxólica” ou “bruxólico” para referir-se a algo relativo às bruxas da Ilha. Logo, nos apropriamos do termo como uma forma também de marcar a presença do folclorista e artista Cascaes, mas reconhecendo também sua agência criativa, pois a princípio o termo foi criado por ele. Vale ressaltar que Cascaes não apenas registrava, mas utilizava sua imaginação a fim de criar coisas novas com base no material coletado, como é o exemplo da sua representação de boitatás e vacatátás (Flores, 2021).



Santa Catarina, mais especificamente nos contos *Balanço bruxólico* (1950), *O estado fadórico das bruxas* (1955) e *Orquestra Selenita bruxólica* (1970). Tal detalhe é indício de que, provavelmente, a analogia entre a galáxia espiral e Santiago de Compostela era conhecida na Ilha. Segundo Guimarães, os nomes populares pelos quais a Via Láctea é conhecida são “Caminho de Santiago, Caminho de São Tiago, Carreira e/ou Carreiro de São Tiago, Estrada de Santiago e Estrada de São Tiago” (Guimarães, 2020, p. 291), sendo essa analogia uma possível homenagem ao padroeiro de Compostela, São Tiago, onde as estrelas seriam, nessa interpretação, comparadas às almas dos mortos em peregrinação.⁹ Nas palavras da autora, “A Via-Láctea aparece como um local de passagem, de origem divina, unindo os mundos divino e terrestre [...] Marca também uma fronteira entre o mundo do movimento e a imóvel eternidade” (Guimarães apud Chevalier; Gheerbrant, 2020, p. 291). Desta forma, identificou-se de forma inédita que além do Caminho Brasileiro Santiago de Compostela ter sido delimitado, passando dentro e perto de espaços e toponímias do fantástico bruxólico, Santiago já se fez presente, também, nos escritos de Cascaes décadas antes do próprio Caminho ter sido pensado em solo brasileiro.

A fim de ancorar a pesquisa para um mapeamento futuro sobre os desdobramentos da nova rota, conseguimos identificar em nossa pesquisa de campo uma sutil mudança ocorrida como consequência do Caminho Brasileiro: a presença de São Tiago na Catedral Metropolitana de Florianópolis. Assim como Santiago Matamoros que ganhou uma nova roupagem na contemporaneidade, na Capela de Santiago em Compostela, parcialmente coberta por flores e respondendo a questões sociais do seu tempo presente, São Tiago que não fazia parte da estética da Catedral de Florianópolis, se faz agora presente em sua representação de peregrino, refletindo um novo contexto da cidade. O vitral foi inserido na parede da Catedral Metropolitana em uma reforma realizada no ano de 2018, e foi fruto de uma doação feita pela ACACSC, que encomendou a obra ao artista Roberto Petrelli da IRIS Arte Vítrea, especializada em criação, restauração e confecção de painéis artísticos nas técnicas de Vitral, Vidro-Fusão, Gravação e Mosaico, e que trabalhou em parceria com a artista plástica Jandira Lorenz.¹⁰

⁹ Sobre o tema, existem duas hipóteses para a origem do nome Compostela: a primeira seria uma derivação da expressão *Campus Stella* ou “campo estrelado”, já a outra teria origem na palavra *compositum* que significa “cemitério” (Guimarães, 2020, p. 288).

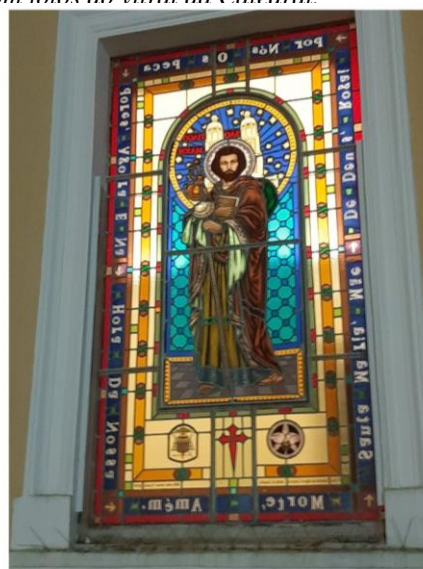
¹⁰ Além do vitral, a associação também doou uma estátua de 70 cm esculpida em madeira de carvalho, produzida pelo artista catarinense Werner Thaler. Disponível em: <https://amigosdocaminho.com.br/2018/08/02/sao-tiago-esculpido-em-madeira-e-gravado-em-vitral-exposto-na-catedral-metropolitana-de-florianopolis/>. Acesso em: 03 Ago. 2023.



Figura 1: Montagem elaborada pelos autores com fotos do vitral da Catedral.



Fonte: Arquivo Pessoal, Outubro de 2023.



Fonte: 1 Parte do acervo fotográfico do MERIDIANUM - Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais da UFSC. O novo vitral é parte da Catedral Metropolitana de Florianópolis.

No Medievo, os vitrais refletiam questões políticas e sociais de seu tempo, como o poderio de famílias que doavam vitrais, por exemplo; na manifestação em Florianópolis, a mudança e a incorporação de um novo vitral, que não existia, corresponde a questões do contexto social da própria construção do Caminho Brasileiro na cidade. A coexistência entre esses elementos, memórias cristãs e não cristãs no Caminho Brasileiro Santiago de Compostela, levanta a seguinte questão: como se dará a dinâmica entre tais elementos por parte do poder Público, responsável por zelar pelo patrimônio imaterial da Ilha da Magia?

Considerações finais

De alguma forma, o Caminho Brasileiro, aos moldes das demais rotas de turismo religioso identificadas por Carneiro, parece ser capaz de conjugar diversos sentidos, em uma busca por novas experiências a partir do entrelaçamento de antigos elementos e englobando perfis de caminhantes/peregrinos que não se restringem ao perfil religioso. Nas antigas peregrinações medievais, onde destacaram-se Jerusalém, Meca, Roma, e Santiago de Compostela (França; Lima; Nascimento, 2017), havia um vínculo relacionado a dogmas e preceitos religiosos das maiores religiões abraâmicas, além de sentidos específicos do Medievo. Ainda, é preciso ressaltar que mesmo no passado medieval, não há um único sentido no peregrinar. Como explica Renata C. Nascimento ao discorrer sobre o campo afetivo na obra *Os sentidos do sagrado no Ocidente medieval* (2021), uma cultura afetiva está socialmente em construção



constante, ou seja, os sentidos do sagrado são, no Medievo, múltiplos. Além disso, refletindo sobre os significados da invenção de rotas novas inspiradas ou conectadas com o Caminho de Compostela ibérico, (re)pensamos os espaços que remetem a Compostela como sugerem Carneiro e Steil, como “pontos convergentes e divergentes entre o catolicismo e as religiões do self” (2008: 103). O aspecto global e transcultural do Caminho na contemporaneidade pode ser percebido em um texto de um dos sites oficiais do mesmo: *“la peregrinación jacobea es, más que nunca, un fenómeno transversal: por una parte, espiritual y ecuménico, también abierto al conocimiento, a la amistad y la comprensión mutua”*.¹¹ A transculturalidade é outro aporte interessante para se pensar em futuras análises no aspecto contemporâneo, pois “entrelaçamento transculturais é um conceito desenvolvido a partir da medievalística alemã [...]. Pode ser definido como o movimento de enredamento e fusão cultural, que constitui o tecido histórico por uma perspectiva mais complexa” (Silveira, 2019: 15).

Em nossa pesquisa de campo, realizada em agosto de 2023, encontramos a placa que marca o início da Trilha do Morro das Feiticeiras em mau estado de conservação, cuja escrita apresentava-se ilegível, como é possível observar na fotografia que é parte do acervo pessoal do laboratório Meridianum – Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais da UFSC –, na pesquisa de campo preliminar feita de forma colaborativa no início de 2023 por alguns pesquisadores e pesquisadoras que compõem o Núcleo.

¹¹ Disponível em: <https://www.caminodesantiago.gal/es/descubre/origenes-y-evolucion/de-los-primeros-peregrinos-a-la-actualidad>. Acesso em: 04 Ago. 2023.



Figura 2: Montagem elaborada pelos autores comparando as placas da entrada da trilha nos anos 2019 e 2023.

2019



Fonte: BECKER, Lúcia, 2019.

2023



Fonte: Arquivo Meridianum, 2023.

Fonte 2: Acervo fotográfico do MERIDIANUM - Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais da UFSC. Ao lado esquerdo, fotografia da entrada da trilha tirada no ano de 2019. Ao lado direito, fotografia tirada em 2023 durante a pesquisa de campo.

O registro acima é bastante provocativo a se pensar o tema de memória e esquecimento dentro do cenário social de Florianópolis. Os pescadores, como explicado anteriormente, são antagonistas das bruxas dentro desse substrato folclórico, porém, ao mesmo tempo, foram agenciadas por Cascaes enquanto artista, aparecendo nos contos como resistindo de forma crítica à Modernidade representada pela televisão, pelos prédios e pelos aviões, os boitatás, como imaginados por ele, eram gigantes bois alados que cuidavam e protegiam a natureza. A antiga Trilha do Morro das Feiticeiras, que antes era uma trilha independente, agora faz parte do Caminho Brasileiro de Santiago, mas continua a existir enquanto uma trilha paralela. No entanto, no momento em que esta pesquisa foi feita, a placa de identificação da Trilha do Morro das Feiticeiras em péssimo estado de conservação e ilegível, enquanto por sua vez, a placa de identificação do mesmo trecho indicando que o trajeto pertence ao Caminho Brasileiro de Santiago de Compostela, é feito de um material mais durável (aço inoxidável) e resistente às intempéries, dentro da identidade visual padrão do circuito europeu, nas cores azul e amarelo. Logo, nesse primeiro levantamento de informações, encontramos tensões simbólicas iniciais sobre de que forma estão se relacionando os elementos típicos da Ilha da Magia – no caso, a figura da bruxa – com um caminho dedicado a um santo católico.

Nesse sentido, o exemplo do descaso do Poder Público municipal com a placa da Trilha do Morro das Feiticeiras é ilustrativo de discussões sobre memória. Como muito bem debatido pela História Cultural, espaços são memórias, e como lembrado por Aleida Assmann (2011), as disputas pela nomeação dos espaços sociais envolvem relações de poder e esquecimento. O apagamento das placas da Trilha do Morro das Feiticeiras – como é visível, fruto da ação das



intempéries como sol e chuva – é revelador da relação das políticas públicas da cidade com relação a seu patrimônio histórico imaterial. Os lugares de memória, mesmo que nas toponímias da Ilha evoquem as bruxas do substrato folclórico local, são exemplos de presenças ausentes, onde o conhecimento se faz necessário para recordar. Logo, as discussões tecidas aqui convidam-nos a refletir sobre a importância da manutenção dessas memórias e permanência dos elementos nativos, para que o Caminho Brasileiro Santiago de Compostela em Florianópolis possa ser de fato uma rota transcultural de turismo religioso, manifestando aspectos globais e transcendendo balizas temporais e culturais, tendo seus elementos locais e antigos respeitados, valorizados e lembrados.

Bibliografia

Amigos do Caminho. (2022). *Amigos do Caminho*. Recuperado el 27 de septiembre de 2023.

Assmann, A. (2011). *Espaços da recordação: Formas e transformações da memória cultural* (P. Soethe, Trad.). Editora da Unicamp.

Becker, M. L. K. (2019). *Caminho Brasileiro Santiago de Compostela: Um caminho na Ilha da Magia*. [Publicación independiente].

Cascaes, F. (2015). *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Editora da UFSC.

Carneiro, S. M. C. de Sá. (2004). Novas peregrinações brasileiras e suas interfaces com o turismo. *Ciências Sociais e Religião*, 6(6), 71–100.

Dias, L. G. (2013). *O poder da e na voz delas: Benzedeiras da Ilha de Florianópolis (SC)* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina).

Eade, J., & Sallnow, M. (1991). *Contesting the sacred: The anthropology of pilgrimage*. Routledge.

El Camino de Santiago. (2023). *El Camino de Santiago*. Recuperado el 21 de septiembre de 2023.

Flores, B. (2021). Franklin Joaquim Cascaes: Do desejo de saber à representação do ser. *Sæculum – Revista de História*, 26(44), 10–29.

Guimarães, S. S. S. (2020). Caminho de “São Tiago” ou “Via Láctea”: Por onde passam as escolhas lexicais no atlas linguístico do Paraná? *Scripta*, 24(50), 283–307.

Ginzburg, C. (2012). *História noturna: Decifrando o sabá*. Companhia das Letras.



Harz, C., & Sagredo, R. (2023). Entre bruxas e São Tiago: O fantástico e o religioso no Caminho Brasileiro Santiago de Compostela em Florianópolis. In *Anais da 13ª Semana Acadêmica de História UDESC*. UDESC.

Maluf, S. W. (1989). *Encontros perigosos: Análise antropológica de narrativas sobre bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina).

Michelmann, A. C. (2015). *Franklin Cascaes, a divulgação turística de Florianópolis e a invenção da “Ilha da magia”* (Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Santa Catarina).

Reghin, S. C. (2018). Antes reinar em Desterro do que servir na Europa: Possíveis aproximações entre magia e bruxaria na Europa moderna e na atual Florianópolis. *Revista Santa Catarina em História*, 12(1–2).

Record, R. I. C. (2016). *Gruta das Feiticeiras* [Reportagem]. Recuperado el 3 de agosto de 2023.

Rui, A. J. (2017). O Caminho de Santiago no século XII: Espaço de propagação dos ideais reformistas da Igreja. *Projeto História*, 59, 43–73.

Rui, A. J. (2012). O culto a São Tiago e a legitimação da Reconquista Espanhola. *Anais dos Simpósios da ABHR*, 13.

Rui, A. J. (2003). *O mito de São Tiago: Da Reconquista Espanhola à conquista da América* (Tese de doutorado). UNESP.

Sagredo, R. (2025). Caminhos de Santiago de Compostela ontem e hoje: Turismo religioso em contexto global. In T. N. Silva et al. (Orgs.), *Sacralidades medievais: Relíquias, devoções e sensibilidades*. Tempestiva.

Santos, J. de O. (2008). São Tiago Maior: O Apóstolo Mataíndios (séculos XVI e XVII). In *Anais eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC*.

Singul, F. (1999). *O Caminho de Santiago: A peregrinação ocidental na Idade Média*. EdUERJ.

Silveira, A. D. da S. (2019). Política e magia em Castela (século XIII): Um fenômeno transcultural. *Topoi*, 20(42), 604–626.

Tomazolli, et al. (2012). Espeleologia na Ilha de Santa Catarina: Um estudo preliminar das cavernas da Ilha. *Espeleo-Tema*, 23(2).



Torras, B. F. (2012). Do apóstolo ao peregrino: A iconografia de São Tiago na escultura devocional medieval em Portugal. *Medievalista*, (12).

Viçose, J. (2016). *Latinização litúrgica e peregrinações: A ascensão eclesiástica da Igreja de Santiago de Compostela no decorrer do século XII* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Alfenas).



Éderson José de Vasconcelos

Éderson José de Vasconcelos: Bolsista CAPES. Sob a orientação da medievalista Dra. Aline Dias da Silveira. Doutorando em História Global pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Membro do grupo de pesquisa Meridianum (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais) e Ihsan (Islã: História e Sociedade em Análise – UFRJ). Doutorado Sanduíche na Universidade Autônoma de Madrid (UÁM) sob orientação do Professor Dr. José Santiago Palacios Ontalva. É membro da Associação Brasileira de Estudos Medievais (Abrem). Licenciado e Mestrado em História pela Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG). E-mail de contato: ederson_vasconcelos@hotmail.com. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5399437172693888>.



Raísa Sagredo

Raísa Sagredo é Doutora em História Global pela UFSC; Mestra em História Cultural (UFSC); Bacharela e Licenciada em História (UFSC) e Pedagoga. É Vice-coordenadora do NUPEMBO (Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Magia, Bruxaria e Ocultismo) e Co-coordenadora dos encontros 2024-2025 do GEFEM (Grupo de Estudos entre o Feminino e o Masculino na Longa Duração/UFSC). É membro do Meridianum (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais/UFSC) e do projeto de extensão Meridianum Complexus, atuando com História Pública e Divulgação Científica. Pesquisa a Pré-Modernidade e usos do passado, bem como História das Religiões, História da Bruxaria e *Pagan Studies*. E-mail: raisawsagredo@gmail.com. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3620744321564382>.